

KAFKA VAI À ESCOLA – METAMORFOSE, FREUD, RANCIÈRE E ADORNO

KAFKA GOES TO SCHOOL – METAMORPHOSIS, FREUD, RANCIÈRE AND ADORNO

Marcello Vieira Lasneaux 

Instituto Federal de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
lasneaux@gmail.com

RESUMO

Gregor Samsa, certa manhã, ao acordar, percebe que se transformara em barata. As baratas são a representação totêmica da paralisia do intelecto e o quarto de Gregor representa o que é da ordem do psíquico. A escola tradicional forma baratas. Apenas no domínio do que é interno, Gregor Samsa não interfere no mundo e sua tentativa de revolta, não comparece no sujeito. O sistema é tão orquestrado por sua aparelhagem que até na sua ausência, ele se faz presente. Distante do verdadeiro opressor, que lucra com toda a querela no interior da residência dos Samsa, todos eles revelam o caráter verdadeiro do que são, a parapraxia freudiana; todos se revelam funcionários do sistema. Em sala de aula, não é diferente. Gregor Samsa é o aluno embrutecido. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica, em que se procura fazer uma leitura crítica da temática. O objetivo deste artigo é o de detectar possíveis ligações da obra Metamorfose com a educação escolar. O fantástico trazido por Kafka permeia a crítica social de um tempo que pode ser ligado com o processo pedagógico. O ser baratal, coisificado, é a silhueta do aluno escolar. Quando Rancière aponta os caminhos da emancipação intelectual, quer reclamar o direito do indivíduo de assumir sua vontade e sua inteligência. Kafka, Rancière e Adorno nos sinalizam: há um mundo organizado que ortopediza nosso pensar. Na tentativa de fazer compreender o conteúdo, o professor-sistema interrompe o movimento da razão, destrói a confiança em si, expulsa a via própria de aquisição, oferecendo a imagem desconectada a partir do caminho do outro: o professor.

Palavras-chave: Aluno escolar. Kafka. Metamorfose. Prática docente.

ABSTRACT

Gregor Samsa, one morning, upon waking up, realizes that he had become a cockroach. Cockroaches are the totemic representation of the paralysis of the intellect, and Gregor's room represents what is of the order of the psychic. The traditional school is cheap. Only in the domain of what is internal, Gregor Samsa does not interfere in the world and his attempt at revolt does not appear in the subject. The system is so orchestrated by its apparatus that even in its absence, it is present. Away from the real oppressor, who profits from all the quarrels inside the Samsa residence, they all reveal the true character of what they are, Freudian parapraxia; everyone turns out to be system employees. In the classroom, it is no different. Gregor Samsa is the stupid student. This is a work of bibliographic review, in which a critical reading of the theme is sought. The purpose of this article is to detect possible links between the work Metamorphosis with school education. The fantastic brought by Kafka permeates the social criticism of a time that can be connected with the pedagogical process. The baratal, objectified being is the silhouette of the school student. When Rancière points the way to intellectual emancipation, he wants to claim the individual's right to assume his will and his intelligence. Kafka, Rancière and Adorno signal us: there is an organized world that orthopedizes our thinking. In an attempt to make the content understand, the teacher-system interrupts the movement of reason, destroys confidence in itself, expels the proper path of acquisition by offering the disconnected image from the path of the other, the teacher.

Keywords: School student. Metamorphosis. Role of the teacher. Teaching practice.

INTRODUÇÃO

Na condição de professor vivenciando e podendo observar a prática docente, surgiu a inquietação de desenvolver no doutorado uma pesquisa que trouxesse reflexões sobre essa prática. Como sustentação teórica, recorreu-se a Franz Kafka e sua crítica social em *A Metamorfose* como parte do referencial teórico.

Dentro de um universo escolar, o papel docente requer crítica e autocrítica constante sobre seu alcance, de seu impacto direto no processo ensino-aprendizagem. Em face a inúmeras mudanças da organização do pensamento humano aliadas ao reposicionamento da informação na era digital, ao uso de tecnologia como mediadora e à introdução das metodologias ativas de aprendizagem, há de se questionar esse aluno que ainda vigora na sala de aula das nossas escolas. A compreensão desse aluno é fundamental para a mudança efetiva da prática docente e a consolidação de um modelo pedagógico atualizado frente às mudanças que já ocorriam, mesmo antes da pandemia iniciada em 2019.

Antes iniciar a escrita deste artigo, fez-se uma busca em bases de dados para verificar o estado da arte sobre a temática, procurando detectar relações entre a obra de Kafka com a prática docente.

A obra de Franz Kafka é universal. Diante de tamanha importância, suas produções, como *Metamorfose*, têm sido utilizadas sob diversas interpretações que incluem associações com a psicanálise até críticas religiosas e ao sistema capitalista (CARPEAUX, 2011). Objetiva-se com este ensaio fazer ligações da obra *Metamorfose* (resumida a seguir) com a educação escolar, perpassando pelo subsídio e conexões com outros autores como Freud, Adorno e Rancière.

Metamorfose

Gregor Samsa é um caixeiro-viajante. Viaja para pagar a dívida de seu pai com seu atual patrão. Não quer esse emprego, mas acredita na missão de salvar sua família, mesmo que por algo que não supôs, nem questionou. Certa manhã, ao acordar, percebe que se transformara em um asqueroso artrópodo: uma barata. Diante do infortúnio, não pode sair da cama, embora lhe ocorra que deva trabalhar. Nesse impasse, até o chefe vem questionar sua ausência. Em vão. Seu corpo não lhe permite que saia: seu novo corpo não deve ser visto por ninguém.

Diante de sua impossibilidade de sair do quarto e do imperativo de sua família para que vá trabalhar, sua nova aparência é revelada.

Entre asco e impaciência, a família incompreende Gregor. Apenas sua irmã procura alguma interação, na esperança de que volte a ser como era antes. A família procura nova fonte de renda porque Gregor não trabalha mais. Hóspedes são acolhidos e se espantam com a criatura-hexápoda. Com o passar dos meses, é esquecido até por sua última linha de humanidade, representada por sua irmã querida.

Apartado dos convívios, em seu quarto esquecido, Gregor não come e assusta a todos, a cada encontro. Sem sua função de amortizar a dívida, Gregor não é ninguém. Sem ser engrenagem, definha. Até que um dia é encontrado magro e morto. Graças à Deus.

METODOLOGIA

Antes iniciar a escrita deste artigo, fez-se uma pesquisa em duas bases de dados para verificar o estado da arte sobre a temática. Foram escolhidas as bases do “Google School” e do “SciELO”. Como descritores, iniciou-se com “Kafka”, na sequência associou-se o descritor “metamorfose” e por último refinou-se a busca com a associação do termo “prática docente”.

Com a pesquisa, observou-se que ao usar o termo Kafka, no Google obteve-se aproximadamente quinhentos e trinta e sete mil inserções. Ao buscar com os termos Kafka + metamorfose, encontrou-se sete mil novecentos e quarenta citações. E ao utilizar os termos Kafka + metamorfose + prática docente foram encontradas mil duzentos e quarenta citações. Ao fazer uma leitura dinâmica destas publicações, observou-se que nenhuma tinha como foco a prática docente,

elas tratam a prática nas seguintes abordagens: linguagem e poder; autoridade do professor; materiais literários; psicologia e psicanálise; mal estar docente, dentre outros, mas nenhum sobre a prática docente no contexto da escola.

Ao fazer a busca no Scielo foram encontrados setenta e nove artigos a partir do descritor “Kafka”. Ao associar o termo “metamorfose” foram encontrados três artigos. E ao procurar com os descritores “Kafka + metamorfose + prática docente” nenhum artigo foi localizado na busca. Entendemos com estes dados que a pesquisa, bem como a analogia Kafka vai a escola é inovadora e pode viabilizar reflexões nos campos da educação e da prática docente.

No que se refere a metodologia trata-se de um artigo de revisão bibliográfica,

[...] as bibliografias ou os autores consultados, também levam a aprofundar os problemas e questões que geraram o conhecimento, a elucidar os métodos, as estratégias, os conflitos teóricos e paradigmáticos e o confronto dos resultados; ainda permitem revelar os vazios conceituais, a limitação ou extensão das categorias e as perspectivas históricas de uma ciência em particular. (GAMBOA, 2012, p. 67).

Gamboa evidencia a importância da revisão bibliográfica para os trabalhos científicos, quando ele mostra a necessidade de se compreender o que já foi pesquisado e avançar para além dos limites do já conhecido.

O presente ensaio traz reflexões, a partir da obra *A Metamorfose* e suas correlações com outras obras do pensamento contemporâneo relativos direta ou indiretamente à educação escolar tradicional. Para isso, fez-se a leitura completa das obras aqui citadas e procurou-se alinhamentos teóricos entre esses autores, em associação com a experiência do autor apoiada por pesquisa bibliográfica sobre a questão. A seguir, inicia-se a reflexão desenvolvida.

DESENVOLVIMENTO

O que quer Kafka, criador de Gregor?

O que Franz Kafka representa em seu conto, pode escapar da criticidade de muitos de seus leitores. Não há trivialidades, nem traços pueris em seu discurso. Para além disso, Kafka instrumenta seu conto de terror, sua fábula, seu texto, com os ingredientes de quem pensa e reflete socialmente. Ainda escrevendo no início do século 20 (ROIZ, 2011), Kafka apresenta o mundo burguês, o mundo capitalista, em sua literatura fantástica, recorrendo ao nojo. Diversas interpretações e aproximações foram feitas a partir da obra de Kafka:

Sabe-se que *O processo*, *O castelo*, *A metamorfose*, *A colônia penal* já foram interpretados como documentos de religiosidade pessoal, como manifestações do subconsciente, como espécie de grandes sátiras contra a burocracia e a organização da sociedade. Dessas interpretações, a religiosa foi aceita pela maioria dos críticos. Mas foi tacitamente rejeitada pela maior parte dos ficcionistas, que preferem empregar a ‘maneira’ de Kafka para outros fins. Talvez seja esta a melhor prova do fato de que Kafka é inimitável (CARPEAUX, 1966, v. 7, p. 3.469 in ROIZ, 2011).

Este artigo pretende especificamente aproximar a obra *A Metamorfose*, com a educação escolar tradicional e a posição do aluno como sujeito dentro dessa prática pedagógica. A barata é um inseto cosmopolita, encontrado em qualquer sujeira, em qualquer parte do mundo. Se contenta com os restos e não se preocupa com a origem deles. É um inseto resistente, mas marginal. Como todo inseto, é irracional. Carrega em seu corpo, a despeito de sua vontade, um bando de comensais: vírus, bactérias, fungos e vermes. Comensais para a barata, parasitas para os humanos. As baratas se multiplicam fervorosamente: parecem contrariar a natureza seletiva proposta por Darwin e

Wallace. As baratas são a apresentação totêmica da paralisia do intelecto. A escola tradicional forma baratas.

Segundo Pellegrino *in* Kafka (1969), Kafka denuncia que ao tomarmos vítimas da ordem social, sofremos a mudança de forma, metamorfoseamo-nos em barata. Para ele, um Gregor com seis pernas é um Gregor assumidamente alienado, é o destino de todo aquele alienado pelo sistema. Os corpos alienados recebem a quitina como revestimento e as antenas como um sinal de sua renúncia final. O sistema nos trata como a ninfa à espera da mudança para imago. Enquanto imago, fomos anulados. Enquanto barata, estamos desumanizados. Gregor é expulso do contexto social, não consegue sair mais de seu quarto. Sem sair do quarto, o sujeito morreu, como Adorno relatou. As baratas se multiplicam em sala de aula, sob efeito metamórfico induzido pelo sistema e o quarto de Gregor é o simbólico do silêncio de ações frente a isso.

O quarto de Gregor é o seu intrapsíquico: uma abordagem no freudismo

Pellegrino *in* Kafka (1969) apresenta Gregor como: “a bandeira da inconsciência de todos, resumo da doença do mundo”. Avançando camadas, podemos enxergar o quarto de Gregor como o espetáculo da fala interna, o regime do intrapsíquico que não avança mais para o movimento, para a ação política. Encarcerado em uma consciência repleta de julgamentos e lamúrias, não excede o espaço para além de sua porta. Atravessar a porta representaria a clivagem freudiana. Apenas no domínio do que é interno, Gregor Samsa não interfere no mundo e sua tentativa de revolta, não comparece no sujeito, já que não atravessa a sua porta.

O quarto de Gregor representa o que é da ordem do psíquico; trata-se do psíquico daqueles alienados pelo projeto de sistematização do mundo, da ordem hegemônica econômica. O sistema irascível grita quando Gregor já não mais funciona para ele:

Sr. Samsa! (...) O que é que há com o senhor? O senhor fecha-se no quarto, não responde a coisa alguma, aflige desnecessariamente os seus pais e negligencia os seus deveres profissionais de uma maneira que jamais se ouviu falar (KAFKA, 1969, p.21).

Gregor responde com sua ansiedade e sua fraqueza de tantos anos anestesiado pela condução sistemática de suas vontades. “Senhor, abrirei a porta imediatamente! Claro que abrirei!” (KAFKA, 1969, p. 22)

Aprisionado em suas ideias, o pai se impacienta e resolve operar radicalmente para que a porta se abra: “Ana! (...) Vá buscar o serralheiro, depressa!” (KAFKA, 1969, p. 23) O sistema tem pressa.

O sentimento de impotência é revelado quando, após dois meses da transformação, Gregor “havia muito, estava habituado aos seus móveis.” À frente, Kafka nos anuncia: “Ademais, não se sentiria ele [Gregor] abandonado em seu quarto vazio?” (KAFKA, 1969, p. 42). O quarto vazio está mobiliado de coisas, mas não representam mais núcleos estruturantes de arbítrio. Levaram tudo. Se não pode oferecer-se ao sistema, não restou nada. Nem para ele, nem para sua irmã, nem para seu gerente.

Medonho, quando Gregor saiu do quarto, fez sua mãe desmaiar. Nada que avança para fora do intrapsíquico de Gregor é normal. Seu movimento é teratológico, o silêncio é relatado pelo não avançar além da fronteira de sua porta, o limite da consciência, interdito pelo mundo-das-coisas.

Quando Gregor saiu do quarto, seu pai atirou-lhes maçãs, a esmo. As maçãs vermelhas se amontoaram no chão e uma delas atingiu a carne de Gregor. Sem ninguém falar, o ferido Gregor recolhe-se no seu quarto, sem nenhuma ajuda. Agora, Gregor não consegue sequer se mover no próprio quarto, a metáfora kafkiniana de sua consciência. Não foi necessária nenhuma arma potente, nenhuma artilharia organizada. Bastaram maçãs atiradas erráticamente. Uma delas foi suficiente.

Com o tempo, Grete – irmã e única esperança de humanização e de subjetividade na vida de Gregor disparou:

- Precisamos livrar-nos dessa coisa! (...) É a única saída. O senhor [o pai de Gregor] precisa tirar da cabeça de que isso que aí está é Gregor. Já acreditamos nisso demais; e aí está a causa da nossa infelicidade. Como é que isso poderia ser Gregor? Se fosse realmente ele, já teria há muito percebido que não pode viver no meio das criaturas humanas, e teria ido embora voluntariamente. (KAFKA, 1969, p. 63).

Abandonado pelo último fio que se estendia entre a humanidade e Gregor, entregou-se ao seu quarto, e agora, não consegue se mover nem mesmo dentro dele. Essa progressiva redução de movimento, o progressivo imobilismo não é só mecânico: é acompanhado pela progressiva distância para qualquer processo autêntico de pensamento. O trabalho alienado impediu qualquer possibilidade de autogestão do pensamento. O trabalho de caixeiro-viajante, para saldar a dívida imposta pelos donos do sistema, impossibilitou a liberdade do pensamento, afetou-lhe o avanço de consciência, de responsabilidade, de crítica, de politização. Sem a possibilidade de inscrição no mundo, o que sobra é o triste testemunho de indivíduo em absoluta renúncia de si, plasmado na massa, perdido de suas ligações libidinosas (FREUD, 2017). A maçã que apodrece na carne de Gregor é o algoritmo implantado para o fim do sujeito; é a representação fantasmática de disfuncionalidade, para uma sociedade forjada no neoliberalismo, Gregor não exhibe nunca mais o trabalho que assegura a mais-valia do sistema.

Pensou na família com tenra solicitude. Compreendeu que devia ir embora, e a sua opinião, a este respeito, era ainda mais firme do que a da irmã. Ficou naquele estado de vazia e tranquila meditação até que o relógio assinalou três horas da madrugada. Viu que as coisas, do lado de fora da janela, iam, aos poucos, clareando; então, contra a sua vontade, a cabeça pendeu-lhe para o chão, e o seu último e débil suspiro passou-lhe pelas narinas. (KAFKA, 1969, p.65).

No “set” intrapsíquico de Gregor, o filme de sua vida, ele próprio não aparece em nenhum momento capital: é o retrato do aluno escolarizado. A criança nasce, o tempo passa e, aos poucos, o aluno nasce. Mas o aluno já nascido, não desenvolve, não engaja. O que ocorre é o processo escolar é capaz de transformar aquela infância sadia com uma inteligência radiante em um proto-adulto com a fraqueza mental. Perfaz-se aqui o vaticínio de Freud: “a criança é o pai do homem” (VOLTOLINI, 2011).

Em Freud, processo educativo e processo civilizatório aparecem como sinônimos. E ele destaca que, antes de criar um determinado tipo de homem, é na hominização que a educação encontra sua tarefa mais determinante. Toda vez que avança na discussão sobre o processo civilizatório, Freud extrai consequências imediatas para a educação. (VOLTOLINI, 2011, p.48).

Para além da metamorfose enfadonha que impede a maioria kantiana e frente ao sistema estruturado, a subjetividade se esvai do indivíduo, como denunciado por Adorno.

Adorno

Adorno havia nos alertado do incrível poder de naturalização de domínio que o sistema possui. O sistema é tão orquestrado por sua aparelhagem que até na sua ausência, ele se faz presente. O patrão, o pai, a mãe e a irmã de Gregor representam o sistema quando o mesmo está ausente. Distante do verdadeiro opressor, que lucra com toda a querela no interior da residência dos Samsa, todos eles revelam o caráter verdadeiro do que são, a parapraxia freudiana; todos se revelam funcionários do sistema. Em sala de aula, não é diferente. Alunos e funcionários do sistema incorporam-no advertindo-nos que não há outra verdade (ou possibilidade) pedagógica.

Adorno apresenta sua percepção sobre o sistema. O sistema é todo o aparato esquemático que totaliza o mundo-das-coisas. É o organizador pretenso, disciplinador dos movimentos, um breviário

a ser consultado a todo instante, um projeto que se espalha no espaço e no tempo, que adentra a superestrutura psíquica dos indivíduos, até que se renunciam de sua agência humana. A maior presunção do sistema é a petição da verdade. O sistema é o artefato construído, fruto da mesquinha de uma elite dada, pessoas que se regozijam do movimento controlado dos homens tidos como médios, que não supõem sua humanidade, que se tornam caixeiros-viajantes, irmãs de caixeiros-viajantes, pais de caixeiros-viajantes, alunos escolarizados. São os mesmos que se divertem com o funcionariado que se tornaram os agentes da educação brasileira.

Em um sistema assim tão poderoso de ideias e acompanhado de tantos funcionários, resta-nos a dialética. Segundo Adorno, “a dialética é a ontologia do estado falso” (ADORNO, 2009). A dialética pode libertar o estado justo, desmistificar o conceito, subjetivar o conhecimento e oferecer a retomada do sujeito. O pensamento tem de ter em si o gérmen crítico, o gozo da síntese, perante sua antítese. Essa é a esperança de enfrentar o sistema, modificar a escola e devolver o protagonismo intelectual do aluno.

A metamorfose e a escola

Gregor, em seu quarto e já transformado, é o representante da anulação do sujeito sobre a qual Rancière e Freud consideram:

É a desrazão da desigualdade que faz o indivíduo renunciar a si próprio, à incomensurável imaterialidade de sua essência, e engendra a gregação como fato e o reino da ficção coletiva. O amor da dominação obriga os homens a se protegerem uns dos outros, no seio de uma ordem convencional que não pode ser razoável (...)” (RANCIÈRE, 2017, p. 116)

Ela quer ser dominada, oprimida, temer seus senhores. No fundo completamente conservadora, ela tem a mais profunda aversão a todas as novidades e progressos, e um respeito ilimitado pela tradição (FREUD, 2017, p.51)

As duras palavras de Rancière encontram ressonância em Freud. Gregor Samsa é o aluno embrutecido, dessubjetivado. Um indivíduo que se transforma de humano em barata, subitamente, processa a fábula realista de Kafka, mas vai além. O fantástico trazido por Kafka permeia a crítica social de um tempo que pode ser ligado com o processo pedagógico: o cenário de estranhamento do aluno que revela seu papel, ou o seu não-papel. O ser baratal, coisificado, é a silhueta do aluno tradicional, o aluno escolar. O silêncio psíquico do aluno em cumprimento à determinação sistêmica corrobora a relação com *A Metamorfose*. O sistema não salva o sujeito, mas deseja o indivíduo sem sua subjetividade. A metamorfose é a revelação da ausência do sujeito. *A Metamorfose* apresenta a insignificância do aluno, se alegra com a sua renúncia de subjetividade. Resta para Gregor, ver sua irmã em atitude de esperança que volte a ser caixeiro-viajante e admita para si a vontade de verdade do sistema: salvar a dívida da família, intento externo, uma vida não vivida pelo seu corpo. Esperança vã. Kafka pode ser explicado por Rancière. Quando Rancière aponta os caminhos da emancipação intelectual, quer reclamar o direito do indivíduo de assumir sua vontade, sua inteligência e serem respeitadas. O papel do mestre embrutecedor aniquila o sujeito, anula suas possibilidades e não o ensina, não o faz aprender, funcionaliza o indivíduo em sua máscara uniforme social: empreender para o sistema, não pensar por si. Em sala de aula, a igualdade da pronúncia do saber a partir da boca do mestre embrutecedor é a garantia da desigualdade entre todos. Essa é a ferramenta diária que o mestre embrutecedor se serve para conformar os alunos. O discurso monológico e monopolizado do mestre embrutecedor é o organizador da reificação progressiva do aluno, a condução do aluno ao formato baratal. Esse mestre se justifica pela ficção estruturante de que o aluno é incapaz de compreender, assim forma-se a concepção explicadora do mundo (RANCIÈRE, 2017). O mestre embrutecedor acredita que possui o toque de Midas, confia na sua providência, supõe que retira o véu da ignorância: Rancière acusa essa prática de “mito pedagógico”. O silenciamento do aluno é a

prótese para naturalização dessa educação conformadora. A educação em nada medeia. O ritmo nunca é vivo e plural. O livro pedagógico é, para Rancière, um reduplicador do saber. O mestre embrutecedor não emancipa. O mestre embrutecedor é o funcionário do sistema.

Gregor Samsa não emancipou. Plasmou-se por advento de seus mestres (embrutecedores), determinados em manter a paixão primitiva pela desigualdade. Sem o feromônio da emancipação no ar, Gregor aceita o infortúnio de seus familiares endividados e quando fantasticamente revelado, nem sequer roldana é mais. Sem presteza para o sistema, o nunca-sujeito, o baratal Gregor morre.

CONCLUSÃO

Kafka, Freud, Rancière e Adorno nos sinalizam: há um mundo organizado, dado, que ortopediza nosso pensar. O sistema, totalizante e pretensioso, procura teleologicamente nos aliviar da necessidade de pensar. Na tentativa de fazer compreender o conteúdo, o professor-sistema interrompe o movimento da razão, destrói a confiança em si, expulsa a via própria de aquisição oferecendo a imagem desconectada a partir do caminho do outro, o professor. Gregor Samsa representa o sujeito anulado pela massificação do sistema, uma engrenagem descartável do administrado mundo neoliberal, orientado pela dívida e por seu estatuto. A dívida do aluno é sua pretensa incapacidade de saber, seu não-saber, sua ignorância passiva. O aluno está em dívida porque nunca sabe: já nasce devendo. Samsa assume a dívida de seu pai e trabalha alienadamente para o objetivo paterno que transcende o pai. Samsa, sem o movimento do mestre emancipador, se revela baratal, sua verdadeira denotação sistêmica, seu único lugar social. E sempre torcemos para que *A Metamorfose* não seja nem ativismo de sacada, nem um panfleto desgastado pelo tempo, nem denúncia inútil. *A Metamorfose* é uma denúncia séria e profunda sobre como aceitamos o quadrado marcado e vigiado de mundo. É uma advertência do que nos tornamos, alterados pelo hormônio do capital, massificados pela obra geral fílmica que parece ser a única superfície de vida, a única possibilidade de significar o trabalho.

A escola está envolvida e se serve nas baías desse mesmo mundo organizado. Inscrita nessa realidade, está impedida, pelo embrutecimento, de atingir o desenvolvimento e o esclarecimento, assegurando a existência do sujeito. A emancipação e o esclarecimento não são possíveis; ser barata é o destino, como o do personagem de Kafka e sua metamorfose.

O reconhecimento do ocorrido nos permite a mudança. Contamos, no entanto, com os graus de liberdade para que haja outro percurso, outra possibilidade, um outro lugar pedagógico. Adorno admite que existe a possibilidade de uma “memorização da natureza no sujeito” (DUARTE, 2002, p.33). Aderido à essa saída, é que a desesperança se desaloja, se move de lugar. Trata-se do enfrentamento, da mudança do paradigma educacional, da reversão da metamorfose em inseto. É a maneira de impedir o triplo intento do sistema escolar, forjado na massificação educacional: as fossilizações da criatividade, do pensar-por-si e da criticidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 349p.

CARPEAUX, O. M. História da Literatura Ocidental in ROIZ, As metamorfoses de uma obra: leitores e leituras dos textos de Franz Kafka (1883-1924). **Diálogos**, v. 15, n. 2, p. 377-407, 2011.

DUARTE, R. **Adorno/Horkheimer & A dialética do esclarecimento**. Coleção Filosofia Passo-a-passo 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 70p.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2017. 172p.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2012.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1969. 115p.

PELLEGRINO, M. in **A metamorfose**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. 115p.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ROIZ, D. S. As metamorfoses de uma obra: leitores e leituras dos textos de Franz Kafka (1883-1924). **Diálogos**, v. 15, n. 2, p. 377-407, 2011.

SPINELLI, D. Algumas considerações sobre a Metamorfose de Kafka com base no texto “Anotações sobre Kafka” de Adorno. **Revista Kalíope**, v. 1, n. 2, p. 72-83, 2005.

VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 81p.